

Povoamento e modos de vida no limite oriental do território viseense durante o século X. O Povoado de São Gens

Settlement and lifestyle in the territory of Viseu during the 10th century: the site of São Gens

Catarina Tente¹, Sara Prata², Fabián Cuesta-Gómez³, Stuart Brookes⁴, Marta Moreno-García⁵ Gabriel Souza⁶, João Pedro Tereso⁷, Cláudia Oliveira⁸, Ana Jesus⁹

Palavras Chave

Necrópole alto medieval, Arqueozoologia, Paleobotânica, Produção Artefactual, Rio Mondego.

Keywords

Early Medieval necropolis, Archaeozoology, Paleobotanics, Artefactual Productions, Mondego River.

-
- 1 IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: catarina.tente@gmail.com
 - 2 USAL I IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: sara.m.prata@gmail.com
 - 3 USAL I IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: jfabiancuesta@gmail.com
 - 4 UCL Institute of Archaeology, 31-4 Gordon Square, London, WC1H 0PY, email: s.brookes@ucl.ac.uk
 - 5 Instituto de Historia, CSIC – Albasanz 26-28, 28037 Madrid, email: marta.moreno@cchs.csic.es
 - 6 IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: gabrielmvsouza@hotmail.com
 - 7 CIBIO-UP/InBio, Campus Agrário de Vairão, Rua Padre Armando Quintas, nº 7, 4485-661 Vairão, Portugal, email: jptereso@gmail.com
 - 8 CIBIO-UP/InBio, Campus Agrário de Vairão, Rua Padre Armando Quintas, nº 7, 4485-661 Vairão | FC-UP, Rua do Campo Alegre, s/n 4169-007 Porto, email: claudia.oliveira1991@gmail.com
 - 9 FC-UP, Rua do Campo Alegre, s/n 4169-007 Porto, email: anaclaudiasousajesus6@gmail.com

RESUMO

São Gens é um dos sítios emblemáticos da arqueologia medieval da região centro de Portugal. O mesmo congrega um povoado e a maior necrópole desordenada de sepulturas escavadas na rocha conhecida nesta região, que agregaria mais de 54 sepulturas. O povoado, de planta ovalada, tinha apenas uma entrada e era rodeado por uma cerca em pedra e madeira.

Quatro campanhas de escavações foram levadas a cabo no povoado entre 2008 e 2013. Os trabalhos ofereceram uma coleção de espólio arqueológico muito significativo e que engloba cerâmicas, objetos em osso, peças em metal e peças líticas utilizadas quer na moagem, quer como afiadores. Estes materiais atestam as diversas atividades económicas que ocupavam os habitantes do povoado.

As escavações permitiram ainda identificar locais de habitação e recuperar macrorrestos carbonizados de árvores, arbustos e sementes, bem como restos de fauna. Os dados obtidos evidenciam uma comunidade de pequena dimensão constituída por quatro a seis famílias, que se fizeram enterrar na necrópole rupestre anexa. O sítio foi abandonado na segunda metade do século X, após ser sujeito a um incêndio destrutivo.

O presente artigo é assim uma síntese dos diversos estudos específicos realizados sobre este sítio: espólio cerâmico e metálico; macrorrestos faunísticos e vegetais.

ABSTRACT

The complex of São Gens is one of the most distinctive archaeological sites in central Portugal. The site comprises the region's largest rock-cut grave necropolis, consisting of over 54 dispersed graves, and an early medieval settlement within an oval enclosure defined by a stone wall and surmounted by a timber palisade.

Four archaeological campaigns were carried out on the settlement between 2008 and 2013. These brought to light a large number of artefacts relating to the economic activities performed within the settlement, including pottery fragments, faunal remains, iron objects, slags, and stone tools, such as whetstones and grinding stones. It was also possible to identify evidence of domestic units (huts), and to recover the burnt remains of wood, bushes, seeds, and faunal remains. These findings suggest that the settlement was occupied by a small community of four to six families, who used the nearby necropolis to bury their dead. They also show that São Gens was abandoned after a destructive fire in the second half of the 10th century.

In this paper, we describe the archaeological evidence from São Gens and the preliminary results of ongoing specialist analysis examining the pottery and metal artefacts, faunal and botanical remains.

1. O SÍTIO DE SÃO GENS

A estação arqueológica de São Gens localiza-se 2 km a Norte da vila de Celorico da Beira e está inserida na freguesia de Santa Maria, concelho de Celorico da Beira (Figura 1). A sua implantação não é destacada, pelo contrário, insere-se no vale definido pela confluência da Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego. O sítio estende-se por uma área de cerca de 30ha e compreende uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha, um povoado alto-medieval, duas áreas separadas com ocupação romana e um abrigo natural com ocupação calcolítica.

Até 2008, ano em que se realizou a primeira campanha de escavações, o sítio era conhecido fundamentalmente pela extensa necrópole de sepulturas escavadas na rocha que foi referenciada pela primeira vez por Santos Rocha (1906) como necrópole da Moirama. Posteriormente vários autores mencionam, quer as sepulturas quer os vestígios de materiais cerâmicos romanos (Oliveira, 1939; Rodrigues, 1979; Alarcão, 1993; Alarcão, 1988; Valera, Martins, 1994).

As primeiras escavações realizaram-se no âmbito do projeto de investigação financiado pela FCT intitulado *O Alto Mondego: território de fronteira entre Cristãos e Muçulmanos* (PTDC/HAH/69806/2006) e teve o apoio da autarquia de Celorico da Beira. As seguintes campanhas estiveram inseridas nos projetos de PNTA – *São Gens, o vale e a sua população. Da Pré-História à Alta Idade Média* e realizaram-se em 2011, 2012 e 2013. O sítio medieval integrou igualmente um projeto financiado pelo Ministerio de Ciencia y Innovación, intitulado *Territorio e identidades locales en el centro de la Península Ibérica: análisis espacial de las tumbas excavadas en roca* (HAQ2010-21950-C03-02), cujo investigador principal foi Iñaki Martín Viso (Universidade de Salamanca). Uma das áreas com vestígios romanos tem vindo a ser escavada por António Marques. Os resultados até agora obtidos apontam para uma ocupação balizada entre o século I d.C. e o final do século IV ou inícios do V (Marques 2011, Lobão et al., 2013). Este artigo, todavia, centra-se na ocupação da necrópole e do povoado medieval que não se sobrepõe à ocupação romana (Figura 2).

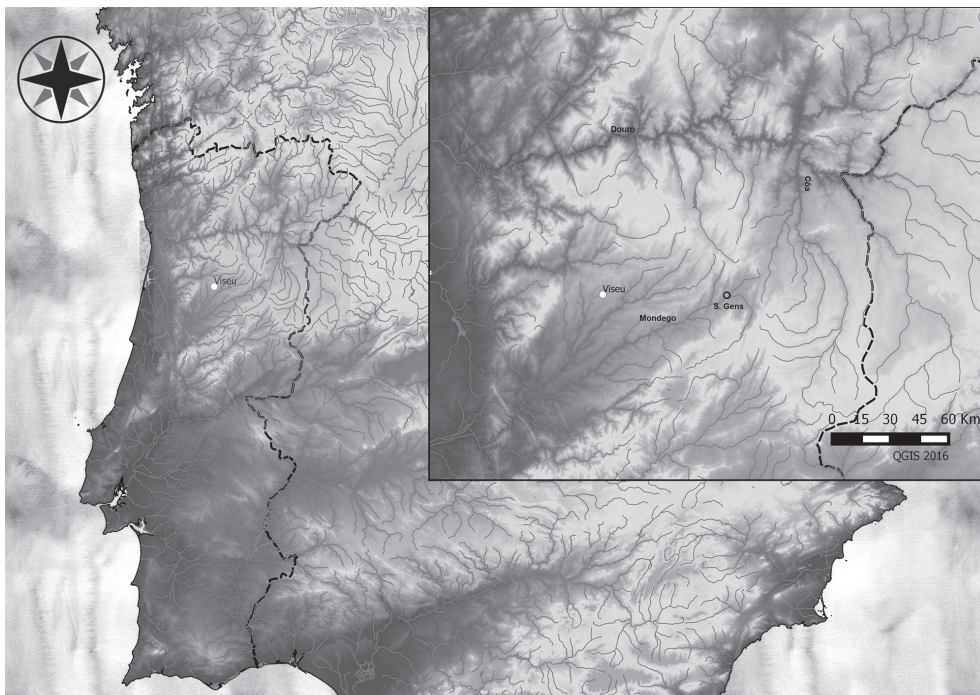


Figura 1

Localização do sítio de São Gens.

2. A NECRÓPOLE

A necrópole de São Gens é composta por um total de 54 sepulturas escavadas na rocha reconhecíveis atualmente. O número de sepulcros original seria superior, já que existe informação oral que documenta mais sepulturas que terão sido destruídas durante o século XX com a extração de pedra para a construção do lagar de azeite localizado nas imediações da necrópole. Trata-se, assim, da maior necrópole rupestre medieval da região, uma vez que os outros conjuntos conhecidos não ultrapassam os 31 sepulcros (necrópole do Vascoveiro, conceelho de Pinhel)¹⁰.

As sepulturas de São Gens ocupam uma extensa área em encosta de pendente suave e estão localizadas em afloramentos de granito, em alguns casos são penedos destacados, mas noutros usaram-se afloramentos ao nível do solo.

¹⁰ A necrópole de Santa Marinha de Moreira de Rei tem mais sepulturas, mas não se trata de uma necrópole rural, mas sim de um cemitério associado a uma igreja.

Dentro do sistema de classificação proposto por I. Martín Viso, São Gens insere-se na categoria dos “cemitérios rurais desordenados com mais de 10 sepulcros” (2012). Nesta categoria inserem-se conjuntos de sepulturas que partilham uma mesma área funerária, mas que carecem de um padrão de distribuição regular.

No que respeita à sua tipologia formal, as sepulturas podem-se dividir em dois grandes grupos: antropomórficas, quando apresentam os contornos definidos na área da cabeceira e/ou dos pés, e não antropomórficas, quando apresentam formas simples, normalmente ovóides ou retangulares. Em 28 dos sepulcros, 52%, não se reconhecem características antropomórficas, ainda que dentro desta categoria exista também uma considerável variabilidade formal. As 23 sepulturas antropomórficas podem-se dividir em vários subgrupos, consoante o tipo de antropomorfismo.

Relativamente às dimensões dos sepulcros, apenas 6 sepulturas do total de 54 (11%) estariam destinadas à inumação exclusiva de crianças, oscilando os seus comprimentos máximos entre os 64 cm (sepultura 41) e os 125 cm (sepultura 13). Existem ainda 6 sepulturas inacabadas das quais duas seriam destinadas a crianças (<130 cm de comprimento). As sepulturas infantis não ocupam um espaço exclusivo dentro da necrópole, estando integradas em conjuntos de sepulcros destinados à inumação de adultos.

No que respeita à orientação dos sepulcros esta é muito variada, estando representados quase todos os pontos cardeais, mas havendo uma tendência para Este, Nordeste ou Sudeste.

Numa primeira aproximação à análise espacial da necrópole, os sepulcros parecem estar dispostos de forma desordenada, não havendo uma clara organização formal do espaço funerário. No entanto, um olhar mais atento permite verificar que algumas sepulturas estão relativamente isoladas enquanto outras organizam-se em pequenos grupos que agregam até nove sepulturas. Nestes grupos é comum existirem associações de sepulturas escavadas no mesmo afloramento, que têm sido interpretadas desde Alberto del Castillo, como associações de carácter familiar (Castillo, 1970, 1972). Alguns sepulcros podem relacionar-se espacialmente com elementos naturais, nomeadamente, com a denominada “Pedra do Sino”, que é um grande bloco granítico com forma de cogumelo à volta do qual se concentram 18 sepulturas. Neste núcleo, 6 sepulturas são antropomórficas e 12 não antropomórficas. Um outro conjunto que merece destaque é aquele que se localiza junto ao povoado alto-medieval, no exterior da paliçada e que é composto por 7 sepulturas que, em alguns casos, foram escavadas em afloramentos encostados à base pétrea que suportava a paliçada. Relevante é também o facto de nenhuma sepultura ter sido escavada nos inúmeros afloramentos localizados no interior do povoado. Esta constatação revela a contemporaneidade da

necrópole com o povoado. Ainda que próximas, as sepulturas que foram sendo construídas jamais ocuparam o espaço onde vivia a comunidade, que no caso de São Gens, está bem delimitado pela estrutura que circundava o povoado.

Uma vez que não existe espólio funerário nem restos ósseos conservados, os dados que se podem obter destes sepulcros são extremamente limitados. Para tentar extrair informação dos sepulcros realizou-se uma análise espacial do espaço funerário cujos resultados específicos serão publicados em breve (Brookes, Tente, Prata, 2017. Este tipo de análises espaciais baseia-se na teoria da utilização antrópica do espaço “*space syntax*” que pressupõe que as características e a utilização de um determinado espaço acarretam informação cultural. Foram aplicados “*visibility graph analysis*” e análises de densidade com parcelas de núcleos (*kernel plots*) utilizando a plataforma *depthmap*¹¹.

No geral, os resultados desta análise permitem reconhecer a existência de dois grupos principais de sepulturas, e um terceiro grupo mais periférico. Vários aspetos sugerem que o núcleo de sepulturas localizadas em torno da “Pedra do Sino” corresponderia a um espaço de enterramento privilegiado. Em primeiro lugar, estas sepulturas apresentam-se bastante concentradas, reforçando a importância da “Pedra do Sino” como elemento articulador do espaço funerário. Por outro lado, a análise da inter-visibilidade demonstra que este núcleo de sepulturas se encontra isolado visualmente em relação aos restantes núcleos da necrópole, tratando-se por isso de uma área restrita, menos exposta visualmente. A proximidade com a “Pedra do Sino”, a densidade do espaço funerário e o isolamento visual leva-nos a considerar que este núcleo de sepulturas estaria reservado para personagens com estatuto social relevante no seio desta comunidade¹².

Tal como se abordará adiante, a sequência estratigráfica e a datação obtida nas escavações levadas a cabo no interior do povoado parecem indicar uma ocupação breve do espaço, um máximo de 100 anos, correspondendo a aproximadamente 4 gerações. A análise espacial revelou ainda que a necrópole deve ter tido também esse tempo de existência durante o qual 3/4 grupos auto-reconhecidos (famílias) organizaram *clusters* de sepulturas. O estudo da necrópole revela igualmente que o espaço funerário terá funcionado como palco onde se plasmaram diferenciações sociais entre os habitantes do povoado.

11 Disponível através do UCL Bartlett Space Syntax Laboratory.

12 Esta proposta interpretativa baseia-se em comportamentos de diferenciação social identificados nos cemitérios Anglo-saxões, que se utilizaram como paralelo no referido artigo (Brookes, Tente, Prata, 2017).



Figura 2

Planta da estação arqueológica de São Gens com o povoado e a necrópole.

Nº Sep.	Tipologia	Orientação (cabeça-pés)	Dimensões (cm)			Observações
			Largura média	Comprimento	Prof. média	
1	Não antropomórfica	SE-NW	48	160	28	
2	Não antropomórfica	N-S	50	172	35	
3	Antropomórfica	NW-SE	44	173	40	
4	Antropomórfica	NW-SE	44	177	29	
5	Antropomórfica	NE-SW	50	188	27	
6	Antropomórfica	SW-NE	53	180	31	
7	Antropomórfica	N-S	39	153?	27	
8	Antropomórfica	W-E	50	183	5	Sepultura inacabada
9	Não antropomórfica	SW-NE	28	106	17	Sepultura infantil
10	Não antropomórfica	N-S	54?	177	31	
11	Não antropomórfica	W-E	51	196	34	
12	Não antropomórfica	NW-SE	43	119	40	Sepultura infantil
13	Não antropomórfica	SW-NE	43	125	40	Sepultura infantil
14	Antropomórfica	SW-NE	44	172	30	
15	Não antropomórfica	W-E	26	82?	15	Sep.inacabada infantil
16	Antropomórfica	W-E	47	174	15	Sepultura inacabada
17	Não antropomórfica	SW-NE	52	188	35	
18	Não antropomórfica	SW-NE	50	179	32	
19	Não antropomórfica	SW-NE	51	182	36	
20	Antropomórfica	NW-SE	50	194	28	
21	Antropomórfica	NW-SE	50	191	27	
22	Antropomórfica	SE-NW	55	186	30	
23	Antropomórfica	S-N	52	191	27	
24	Não antropomórfica	SW-NE	44	174	26	
25	Não antropomórfica	NW-SE	49	178	33	
26	Não antropomórfica	SW-NE	52	174	33	
27	Antropomórfica	SW-NE	47	172	36	

Nº Sep.	Tipologia	Orientação (cabeça-pés)	Dimensões (cm)			Observações
28	Antropomórfica	SW-NE	47	184	33	
29	Antropomórfica	W-E	49	192	27	
30	Antropomórfica	NW-SE	36	101	4	Sep.inacabada infantil
31	Antropomórfica	N-S	48	171	28	
32	Antropomórfica	NW-SE	?	185	32	
33	Não antropomórfica	S-N	48	179?	35	
34	Antropomórfica	NW-SE	45	179	26	
35	Não antropomórfica	NW-SE	53	190	15	Sepultura inacabada
36	Não antropomórfica	N-S	44	158	29	
37	Antropomórfica	NW-SE	50	194	29	
38	Não antropomórfica	E-W	?	?	22	
39	Não antropomórfica	W-E	48	185	25	
40	Não antropomórfica	NW-SE	48	174	34	
41	Não antropomórfica	SE-NW	34	64	15	Sepultura infantil
42	Não antropomórfica	SW-NE	46	172?	35	
43	Esboço antropomorfismo	N-S	50	181?	35	
44	Não antropomórfica	NW-SE	44	181	39	
45	Esboço antropomorfismo	SW-NE	44	179	33	
46	Não antropomórfica	NW-SE	48	193	31	
47	Não antropomórfica	SW-NE	49	197	38	
48	Não antropomórfica	SE-NW	46	179	33	
49	Não antropomórfica	SW-NE	48	179	29	
50	Antropomórfica	SW-NE	47	173	27	
51	Antropomórfica	W-E	50	194	32	
52	?	NW-SE	?	?	30	
53	Antropomórfica	W-E	50	160	7	Sepultura inacabada
54	Não antropomórfica	SW-NE	50	165	25	

Tabela 1

Listagem das sepulturas integradas na necrópole.

3. O POVOADO

Apesar da necrópole estar dispersa por cerca de 6ha, o povoado medieval estava concentrado numa área não superior a 0.5ha. A escolha para a localização do povoado foi norteada pela existência de vários *tors* graníticos que foram usados para ajudar à delimitação da área habitada e que providenciaram apoio para estruturas de controle da única entrada existente e que estava virada a nordeste, voltada ao vale da Ribeira dos Tamanhos (Figura 2). O mesmo foi circundado por uma cerca que teria uma base em pedra não aparelhada, que tinha uma largura entre 1,5 m a 2 m, que foi amontoada sem recurso a nenhum material ligante. Por cima desta estrutura pétrea foi construída uma paliçada feita fundamentalmente com troncos de madeira de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) e de azinheira (*Quercus rotundifolia*). A cerca define uma planta ovalada com uma única entrada que é recolhida e afunilada, definindo uma espécie de átrio de entrada, que estava enquadrada por *tors* graníticos. Alguns destes apresentam entalhes para suporte de estruturas em madeira que facilitariam a circulação no topo dos mesmos e entre os vários afloramentos. Estas estruturas de construção mistas teriam ainda como função controlar o acesso ao interior do povoado (Tente, 2009, 2010, 2012). Apesar do impressionante aspeto e certa monumentalidade da estrutura cercada e sua entrada, a sua posição na paisagem não evidencia qualquer necessidade defensiva, uma vez que não se destaca nem se localiza numa posição em que beneficie de uma defesa natural. Pelo contrário, situa-se no fundo do vale, junto à margem do rio Mondego, sendo praticamente impercetível na paisagem circundante, e o seu domínio visual é muito limitado. Aparentemente, privilegiou-se, o acesso ao rio. A análise da localização do povoado aponta para que esta estrutura cercada circundante e a sua entrada, teriam tido uma função utilitária para proteger/reunir os animais domésticos e manter os animais selvagens longe das áreas habitadas.

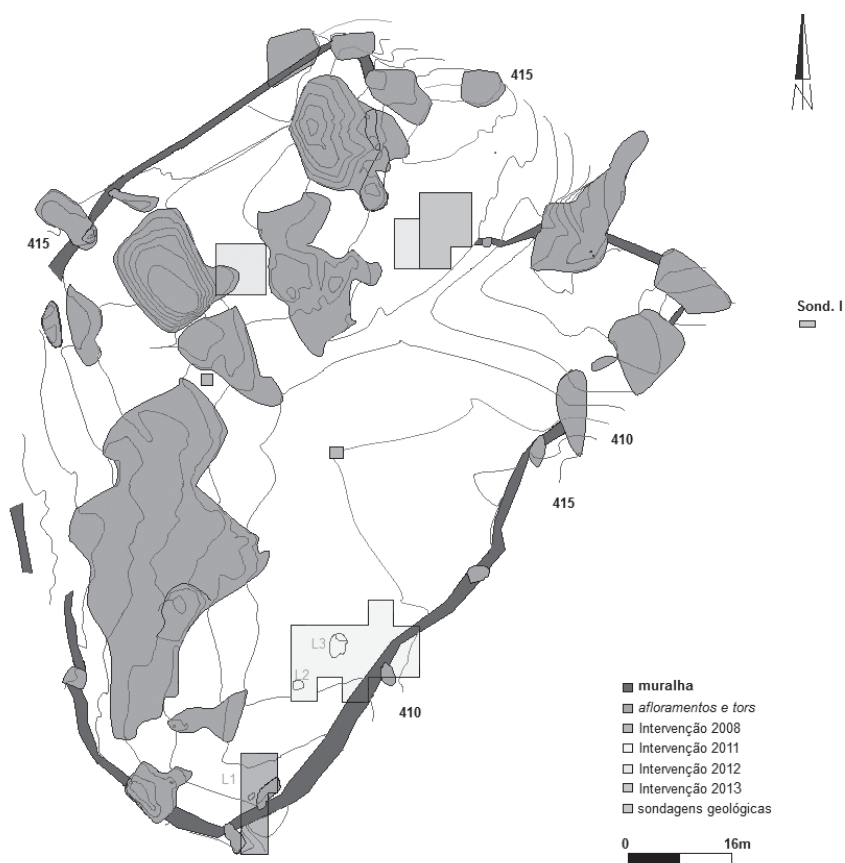


Figura 3

Planta do povoado medieval com indicação das áreas intervenionadas.

As escavações realizadas quer no interior quer no exterior do perímetro mostraram que a ocupação estava concentrada no seu interior (Figura 3). Nas sondagens feitas no seu exterior, bem como nos sectores escavados que abrangem áreas exteriores próximas da cerca, não foi possível identificar nem níveis de ocupação, nem sequer artefactos ou ecofactos. No interior foram realizadas diversas áreas de escavações:

Sector 10 - localizado na parte oposta à entrada, foram escavados 76 m², durante a primeira campanha realizada em 2008. Esta área de escavação integrou a cerca, uma área interna e outra externa. Neste sector foi possível

identificar a paliçada, bem como a base de uma das cabanas que se identificou através da presença de uma lareira, com estrutura pétrea. A lareira tinha duas fases de ocupação, evidenciando-se um aumento da dimensão para o dobro e a aquisição de uma forma mais ovalada, que contrasta com a fase inicial em que a mesma apresentava uma forma mais redonda;

Sector 4 – na zona situada a noroeste, entre *tors* graníticos, onde se intervieram em 2012, 32 m². A espessura sedimentar aqui era muito diminuta, tendo apenas 10 cm. Não foi possível identificar qualquer nível ocupacional e os escassos materiais aqui recolhidos eram muito rolados, evidenciando a sua deslocação de outra área do povoado. A estes dados juntam-se os resultados de duas sondagens de 2 m² cada efetuados quer no centro do povoado, quer entre os afloramentos que ocupam praticamente a metade noroeste do povoado. Em ambas sondagens apenas se identificou um paleo-solo, ou seja, o nível de circulação;

Sector 4 – na zona localizada na metade sudeste do povoado, abrangendo igualmente a estrutura de cerca e áreas interna e externa do povoado. A intervenção atingiu os 192 m² e foi realizada nas campanhas de 2011 e 2012. Esta foi a segunda área onde se intervieram a cerca e a paliçada, tendo sido possível verificar que a base dos troncos teria uma proteção pétrea externa, já que em todas as áreas intervieram se verificou que os postes da paliçada tombaram sempre para o lado interno. No espaço interior foi possível identificar duas cabanas, uma vez mais só visíveis pela presença de lareiras e da parafernália doméstica associada (restos de peças cerâmicas, alguns metais, cossoiros, mós e afiadores);

Sector 4 – na área interior junto da entrada do povoado, aberta e escavada em 2012 e 2013. Foi intervieram uma área de 88 m², na qual se identificou uma grande mancha (U.E [30]) com um aporte orgânico muito elevado e deve resultar do colapso das estruturas de madeiras que estavam adossadas aos penedos que enquadravam a entrada. A queda destas estruturas em combustão possibilitou que a terra tenha sofrido uma elevada temperatura durante este episódio e consequentemente tivesse absorvido uma grande quantidade de matéria orgânica carbonizada. Este fenómeno pós-deposicional, intimamente relacionado com a destruição do sítio, foi o responsável pela excecional conservação desta unidade estratigráfica em particular, mas também de algumas que lhe estavam anexas. Este nível de conservação pode ser aferido pelo facto de se ter recuperado uma amora silvestre fossilizada ou um diplópode, vulgarmente denominada de maria-café. A maioria da coleção faunística vem deste sector, bem como as amostras carpológicas.

A sequência estratigráfica identificada em todos os sectores é muito limitada, o que reflete a ocupação restrita no tempo. Apenas na lareira identificada em

2008 foi possível verificar uma sequência de utilização em duas fases. A datação da ocupação foi obtida pela datação por radiocarbono de duas amostras: uma sobre um carvão de carvalho proveniente da lenha usada na lareira localizada no sector 10 (Wk-27455); outra sobre um fragmento de cortiça (Wk-25175) recolhida junto da paliçada (Tabela 2).

Proveniência	Ref. laboratorial	Tipo de amostra	Data BP	cal BC/AD
Sector 10, UE9 (paliçada)	Wk-25175	<i>Quercus</i> sp. (cortiça)	1161 ± 30	916-968 (22,6%) 773-906 (72,8%)
Sector 10, UE8 (lareira)	Wk-27455	<i>Quercus pyrenaica</i>	1136 ± 30	777-793 (4,6%) 802-847 (9,0%) 856-985 (81,8%)

Tabela 2

Datações por radiocarbono obtidas em São Gens. Calibração feita através do Programa OxCal 4.3 (Bronk-Ramsey, 2009), baseada na curva IntCal13 (Reimer et al., 2013).

A datação da cortiça data o momento em que o sítio sofre um incêndio destruidor e que ocorre com maior probabilidade num Verão¹³ da segunda metade do século X. A partir de então o sítio não mais veio a ser ocupado.

As escavações revelaram pelo menos três estruturas domésticas identificadas pelas lareiras que ocupariam um lugar central nas cabanas que eram construídas com materiais vegetais. Estas não usavam buracos de postes escavados para suportar os troncos estruturais das cabanas. O clássico estudo etnográfico sobre estruturas rurais tradicionais (Oliveira, Galhano, Pereira, 1969) fornece interessantes paralelos que ajudam a interpretar o registo arqueológico de São Gens. O estudo descreve para a região de Viseu um tipo de estruturas cónicas denominadas de *choupana*, completamente construídas em madeira, colmos e giestas. As *choupanas* eram estruturas de base circular que assentavam diretamente no chão, sem que se recorresse ao uso de postes enterrados.

O estudo da ocupação do povoado revela que o mesmo terá sido ocupado por quatro a seis famílias que se organizavam em torno da sua unidade doméstica. No exterior do povoado não se identificaram quaisquer níveis ou estruturas coetâneas.

13 O aparecimento de uma amora silvestre conservada no registo arqueológico correspondente ao nível de destruição do povoado comprova que o incêndio que destruiu o sítio aconteceu provavelmente entre aos meses de agosto e setembro, altura em que as amoras estão maduras.

3.1 *A produção artefactual*

No interior do povoado foram recuperados milhares de fragmentos de cerâmicas, alguns metais, peças em osso e peças de moagem (moventes e dormentes), afiadores em pedra, assim como vários tipos de escórias. Também foram recolhidos variados fragmentos de cortiça, que deveriam pertencer a objetos fabricados naquele material, mas cuja forma original não se conservou.

Os artefactos até agora recuperados evidenciam que a comunidade que habitava São Gens deveria produzir os seus próprios têxteis, uma vez que vários cossoiros em cerâmica e em osso foram ali encontrados (Figura 4 L). Infelizmente não há dados que apontem se se trabalharia o linho ou a lã, mas é verosímil que ambos pudessem ter sido fiados e tecidos neste povoado, até porque se identificaram também restos de ovinos/caprinos entre os restos faunísticos.

As análises químicas de pastas das cerâmicas efetuadas em amostras de fragmentos recolhidos na campanha de 2008 evidenciaram igualmente que a produção cerâmica também deveria ser local ou pelo menos regional uma vez que aparentemente não há matéria-prima exterior à região (Tente, Lantes, Prieto, 2014). Para atestar completamente a indicação deste primeiro estudo químico das pastas será, contudo, necessário alargar a amostragem de análises a peças entretanto recuperadas nas campanhas de 2011 a 2013.

A totalidade da coleção cerâmica recolhida até ao momento no povoado de São Gens está completamente estudada do ponto de vista tipológico e tecnológico, tendo sido os resultados da coleção de 2008 e das coleções recuperadas entre 2011 e 2013, sido integrados em duas teses de doutoramento e mestrado respetivamente (Tente, 2010, Souza, 2016). Em São Gens recolheram-se precisamente 31 322 fragmentos de cerâmicas (Tabela 3), sendo que destes 1783 são decorados. A coleção na sua generalidade encontra-se muito fragmentada o que deve resultar do processo de destruição do sítio, que foi repentina e violenta. Ainda assim foi possível correlacionar fragmentos de várias peças e com base neste processo correlacional foi possível identificar 161 como o Número Mínimo de Recipientes (NMR). Em termos formais, as tipologias mais frequentes identificadas no NMR foram a dos potes/panelas, a dos alguidares e a dos jarros.

A tipologia dos potes/panelas é a mais frequente de todas aquelas identificadas, com 71 recipientes identificados (equivalente a 44% do NMR). Foi assim designada devido a impossibilidade de distinguir as peças conforme as funcionalidades, uma vez que seria utilizada a mesma forma tanto para a função de pote quanto para a função de panela. Em relação aos bordos, seriam na sua maioria de morfologia direita, com uma orientação exterior em todos os casos; teriam ainda um colo estrangulado. Em termos decorativos, é uma tipologia em que a maioria dos recipientes não apresentaria decorações. As peças que

apresentam seriam decoradas com linhas incisas no exterior e, em dois casos, com punções no ombro.

Os alguidares de base em disco, com 33 recipientes identificados (20% do NMR), são a segunda forma mais frequente em São Gens. A sua funcionalidade é um dos segredos da larga diacronia desta tipologia, uma vez que poderia ser utilizada para lavagens, confeção de certos tipos de alimentos e, eventualmente, para consumo comunitário por parte do agregado familiar. Sendo peças abertas, teriam bordos quase sempre direitos com orientação exterior, com diversas variações no tipo de bordo direito. É uma tipologia com um alto percentual de decorações, no qual há exemplares com linhas incisas no interior e exterior da peça, e ainda cordões plásticos.

Os jarros, com 14 recipientes identificados (8,6% do NMR), teriam como funcionalidade o transporte e armazenamento de líquidos. São peças fechadas, caracterizadas por terem um colo mais estreito do que os potes/panelas, para além de serem a única tipologia que teria asas (uma por peça, podendo esta ser em fita ou em rolo). As bocas seriam em geral circulares ou trilobadas. As decorações são raras, mas quando estão presentes são geralmente linhas incisas ou caneluras dispostas no colo ou no arranque da pança.

Uma outra forma foi identificada em São Gens e que está ausente dos contextos coetâneos também escavados na mesma região¹⁴. Os troncocónicos, com 11 recipientes identificados (6,8% do NMR), são uma tipologia específica de São Gens no contexto do Alto Mondego. Os troncocónicos invertidos teriam a mesma função que os alguidares, mas diferem destes por não possuírem uma base em disco, e por apresentarem uma decoração em linhas incisas direitas, quase como caneluras mas afastadas entre si (Figura 4 H).

Em 29 recipientes (equivalente a 18% do NMR) não foi possível identificar a forma tendo, portanto, sido classificadas como formas indeterminadas.

É importante realçar a presença de três peças que não são de cronologia medieval. Trata-se de duas taças de cerâmica comum (Figura 4 J e K) e de uma talha, que não só são diferentes da restante coleção em termos de forma e tamanho, como também em termos de pastas. É provável que sejam peças de cronologia romana, possivelmente trazidas do espaço que tinha sido ocupado em época imperial.

Em termos tecnológicos a maioria das peças foi montada a torno (91 peças, correspondendo a 56,5% do NMR) sendo escassa a utilização do fabrico manual (apenas 5 exemplares). A utilização da técnica que recorria à montagem a torno aliada ao fabrico manual só se observou em quatro peças, todos correspondentes a alguidares de base em disco.

14 Ausentes quer na Soida (Celorico da Beira), no Penedo dos Mouros (Gouveia), no nível medieval do Monte Aljão (Gouveia) (Tente, 2010; Tente e Carvalho, 2012; Tente, Lantes, Prieto, 2014).

Os ambientes de cozedura foram predominantemente oxidantes (94 do NMR, representando cerca de 58%), mas identificaram-se igualmente cozedura redutora, o que equivale a 34,7% dos recipientes do NMR, bem como cozeduras mistas de ambos os tipos (redutoras-oxidantes e oxidantes-redutoras) mas que são residuais (cerca de 7%).

Sector	Bordos	Bases	Bojos	Asas	Outros	Total	NMR
4 (central)	568	322	13818	47	9	14764	50
4 (entrada)	1331	1082	11753	114	10	14290	65
10	127	99	2029	8	5	2268	46
Total	2026	1503	27600	169	24	31322	161
1783 fragmentos decorados							

Tabela 3

Inventário da coleção cerâmica do povoado.

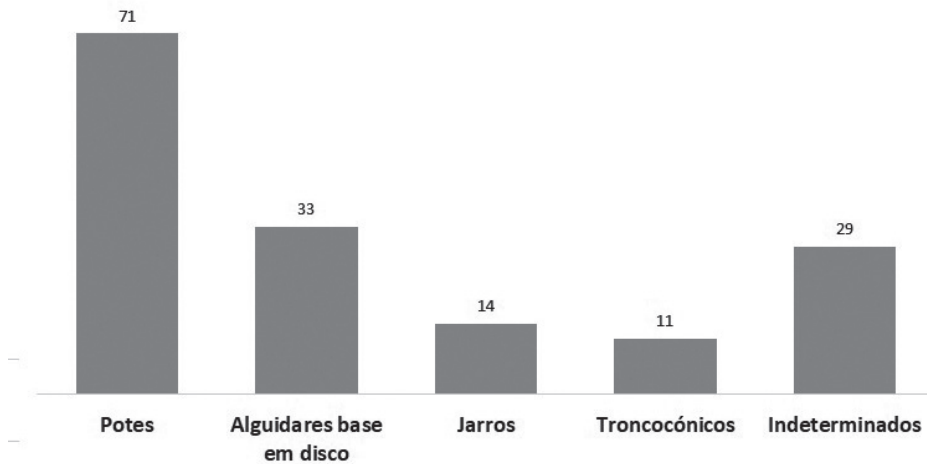


Gráfico 1

Formas cerâmicas presentes no registo arqueológico alto medieval

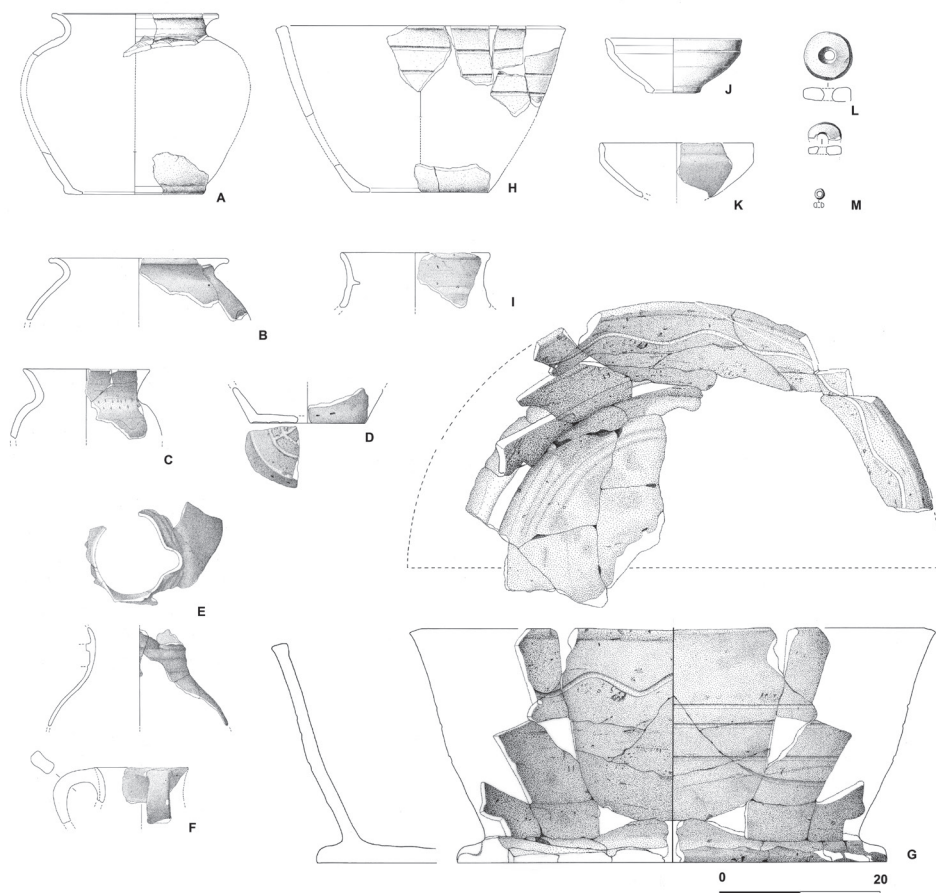


Figura 4

Exemplos de peças cerâmicas e pasta vítrea: A a C e I, potes/panelas; E e F, jarros; G, alguidar de base em disco; H, troncocônico invertido; J e K, taças de provável cronologia romana; L, cossóiros; M, conta de colar em pasta vítrea.



Figura 5

Peças metálicas identificadas em São Gens.

Relativamente à colecção dos metais de São Gens, os dados aqui apresentados resultam de uma primeira aproximação morfotipológica, baseada na análise macroscópica. Esta colecção é constituída por um total de 349 elementos. Estes materiais podem-se organizar em três categorias: as peças reconhecíveis (um total de 26 elementos); os objectos indeterminados, cujo estado de conservação ou fragmentação não permite identificar a peça original (60 fragmentos); e as escórias (263 amostras).

Dentro das peças reconhecíveis destacam-se três grupos principais: as peças cortantes, representadas por fragmentos de lâminas de faca (Figura 5 A a D) e uma machadinha (Figura 5 E); os pregos, cravos e tachas (Figura 5 G a J), que são peças que se associam à construção de objectos em madeira, como por exemplo mobiliário ou a paliçada do povoado, ou elementos que possibilitariam a sustentação de outras peças de uso doméstico (ferramentas, sacos de pele, etc.). Por último, as peças relacionadas com o vestuário, como os botões (Figura 5 F) e os fuzilhões, que são pontas metálicas de fecho de fivelas (Figura 5 K e L).

Já as escórias não são um objecto propriamente dito, mas sim um subproduto da fundição do metal. A abundância e variedade de escórias (de forno e de sangrado) revelam a provável existência de uma zona de processamento de mineral de ferro no interior do povoado. Ainda que a sua localização exata não tenha sido determinada, a análise da distribuição de escória demonstra uma elevada concentração no sector da entrada principal (escavações 2012/2013).

Os estudos arqueométricos a realizar nas escórias e objetos permitirão determinar quais os metais utilizados na produção metalúrgica; as temperaturas alcançadas pelos fornos de fundição e as técnicas de forja utilizadas. A produção metalúrgica de ferro era uma tecnologia especializada e as matérias-primas necessárias difíceis de conseguir, mas os habitantes de São Gens revelam dominar a tecnologia para a obtenção e transformação da matéria-prima necessária.

Na coleção estão, todavia, ausentes, peças de maior dimensão, como as alfaías agrícolas, o que pode ser explicado pela reduzida evidência para práticas agrícolas no seio desta comunidade. Ainda que o registo antracológico possa estar truncado e dar-nos uma ideia errónea das práticas agrícolas da comunidade, não deixa de ser sintomático que as alfaías em metal para trabalhos agrícolas mais exigentes estejam também ausentes, ao contrário de outras peças em metal que ali foram recuperadas.

Em qualquer caso, o reduzido número de instrumento metálicos recuperados ao longo das diferentes campanhas de escavação permite conceber uma hipótese dupla: efetivamente, existe um número limitado de peças metálicas de uso frequente no povoamento (fundamentalmente facas e pregos/tachas) sendo o resto dos objetos fabricados noutros materiais, como osso, madeira ou cortiça, por exemplo; ou, pelo contrário, o que as intervenções permitiram recuperar é uma pequena parte deixada no povoado, tendo sido salvas as demais ferramentas metálicas (pelo seu valor funcional, económico e social) aquando da destruição e abandono do povoado.

3.2 Os macrorrestos faunísticos

Apenas na área interior junto da entrada do povoado foi possível recuperar um conjunto significativo de restos faunísticos relativamente bem conservados para que se pudesse fazer um estudo sistemático dos mesmos. Esta conservação excepcional de restos orgânicos, tão rara em terrenos ácidos como são os solos graníticos, foi possível devido à concentração de matéria orgânica carbonizada, consequência do grande incêndio que destruiu o povoado. Com efeito, no total da UE [30] foram identificados 630 restos de mamíferos aos que se acrescentam mais 2924 fragmentos não determinados especificamente e 2 restos de aves. As alterações térmicas afetam quase 80% do espólio, predominando os ossos de

cor castanha muito escura e negra sobre aqueles cinzentos e esbranquiçados. O fogo que permitiu a conservação destes restos é também responsável pela sua fragilidade e o elevado número de fragmentos não determinados.

O veado (*Cervus elaphus*) constitui o táxon dominante, quer pela sua frequência relativa (48%), quer pelo número mínimo de indivíduos representados (NMI= 10). O gado bovino (*Bos taurus*) ocupa o segundo lugar, mas numa proporção bastante inferior (17%, NMI= 6). O coelho (*Oryctolagus cuniculus* 12%, NMI= 4), os ovino-caprinos (*Ovis aries/Capra hircus* 10%, NMI= 3), o porco doméstico (*Sus domesticus* 4%, NMI= 2), o corço (*Capreolus capreolus* 4%, NMI= 2), os equídeos (*Equus* sp 3%, NMI= 1) e o javali (*Sus scrofa* 2%; NMI= 1) completam o espectro faunístico. Embora o contributo destas espécies seja reduzido, a sua presença evidencia a variedade de recursos de origem animal explorada pelos habitantes de São Gens.

A diferença quantitativa entre o total de restos pertencentes a espécies selvagens (66%) quando comparado com aquele dos táxones domésticos (34%) parece conferir às atividades cinegéticas um papel destacado face à criação de gado e às práticas de pastorícia na economia local. Com efeito, a dominância do veado, conjuntamente com o javali e o corço (espécies que frequentam as florestas, matagais de arbustos e ainda as áreas de cultivo em meio aberto) indicia a exploração quotidiana das áreas de bosque situadas no entorno do povoado, onde, talvez, escasseariam as pastagens adequadas para a manutenção de rebanhos de ovino-caprinos e em particular, de ovinos. A identificação de duas cabras face à identificação de apenas uma ovelha proporciona alguma validade a esta hipótese.

Com a exceção dos equídeos, os animais representados fazem parte regular da dieta humana, situação que suporta a correlação deste espólio com o consumo doméstico. A presença de todas as porções anatómicas do veado demonstra que as carcaças completas foram transportadas desde o local de abate até ao contexto escavado. Embora as amostras das outras espécies sejam mais reduzidas, a variedade de elementos recuperados reflete o mesmo comportamento. O estudo pormenorizado da distribuição anatómica do veado e o do boi doméstico revelou ainda uma alta representatividade do corte de carne conhecido como chambão, constituído pelos músculos das canelas, dos pés e das mãos, que proporciona carne de qualidade inferior, mas rica em matérias gelatinosas. Com efeito, o NMI de dez vedos deriva da zona de articulação das tíbias distais com os ossos tarsais e metatarsos proximais, enquanto entre os bovídeos são os rádios e os metacarpos proximais os elementos mais abundantes.

A observação de marcas de talho foi condicionada pelo mau estado de conservação, todavia, evidenciou-se que 12% dos restos de veado e 19% da amostra

de gado bovino apresentam incisões superficiais nas zonas de articulação proximal e distal dos ossos longos que conformam os membros anteriores e posteriores, sendo menos frequentes os cortes profundos. Concluindo, o padrão obtido revela que os restos correspondem a resíduos produzidos durante o esquarteramento e desmonte das carcaças, tarefa que seria sucedida do processamento e da distribuição da carne pelos diferentes grupos de consumidores. A proporção relativamente elevada (10%) de ossos de veado e bovídeo mordidos por cães evidencia ainda a acessibilidade a estes restos por parte de animais comensais provavelmente por terem sido acumulados num contexto aberto acessível (não enterrados ou delimitados por estruturas). Neste sentido, as observações tafonómicas e a presença pontual de restos de equídeos apontam a ocorrência de uma pequena lixeira aberta junto da entrada do povoado cujo caráter temporal (se foi o resultado de um evento particular ou da acumulação regular das atividades de processamento das carcaças) resulta difícil de avaliar.

Para além de fornecerem carne, estes animais proporcionariam outras matérias-primas como a pele, as hastes/cornos, os próprios ossos, etc., que poderiam ser manufaturadas. Assim, é de salientar o desgaste que apresentam oito metapódios de veado (Figura 6) e um de equídeo na zona da articulação distal, um rádio proximal e as faces laterais e mediais de dois astrágalos de veado, talvez resultado do seu uso como utensílios no tratamento de peles (Meier, 2013). Esta seria uma atividade artesanal compatível igualmente com o domínio neste registo das partes distais das patas e dos elementos cranianos.

Os perfis das idades de abate foram calculados apenas para as duas espécies com amostras representativas. A proporção de veados juvenis atinge 13%, o que demonstra a caça maioritária aos animais adultos. No gado bovino este valor é algo mais elevado: 17% (Tabela 4). Todos os ossos de cabra apresentam as epífises ligadas as respetivas diáfises, o desgaste dos dentes da única mandíbula de ovino recuperada corresponde com um indivíduo sacrificado por volta dos dois anos de idade, enquanto outros dois terceiros molares de ovino-caprino assinalam o sacrifício de animais entre 6 e 8 anos de idade. Também, no caso do porco doméstico, espécie cuja criação se orienta unicamente para a obtenção de carne, não se aprecia o abate de recém-nascidos, mas apenas de animais com alguns meses de idade. Estes resultados revelam o aproveitamento de pequena escala, correspondendo a uma economia auto-abastecedora, que providenciava recursos como a lã, o leite, a força de tração e o estrume. Eram sacrificados os animais domésticos quando estavam próximos ou no fim da sua vida produtiva.

Embora os dados osteométricos obtidos tenham impedido realizar a caracterização morfométrica das espécies identificadas, o dimorfismo sexual evidente no úmero distal dos veados (em concreto o diâmetro mínimo da tróclea HTC,

Davis, 2006:65) permitiu assinalar a presença maioritária de machos (Gráfico 2), situação que revela também uma boa gestão na exploração das populações de cervídeos por parte dos habitantes de São Gens.

Em conclusão, a singularidade do contexto estudado impõe alguma cautela na hora de interpretar os resultados apresentados em termos económicos. Porém, a baixa representatividade de ovino-caprinos (e relativa representatividade de bovinos) que contrasta com a importância da caça ao veado, complementada com outras espécies selvagens de grande e médio porte (javali e corço), reforçam a ideia de que a base económica da comunidade não assentaria de forma prioritária na gestão e no aproveitamento dos recursos animais domésticos. Em termos dietéticos, verifica-se também o consumo dominante da carne proveniente das principais espécies cinegéticas, entre as que os veados, certamente abundantes na região, deveriam ser explorados segundo as necessidades locais.



Figura 6

Metacarpo de veado (*Cervus elaphus*) com desgaste ou afeiçãoamento de um dos côndilos da articulação distal.

	VEADO			BOVINO		
	NF	F	% JUV	NF	F	% JUV
ÚMERO D	-	5		-	-	
RÁDIO P	-	6		-	7	
F1/2 P	1	16		1	6	
TÍBIA D	3	17		-	5	
MTP D	-	11		3	4	
ÚLNA P	1	1		-	-	
FÉMUR P	-	1		-	-	
CALCÂNEO P	2	6		-	-	
RÁDIO D	4	8		-	1	
ÚMERO P	-	1		-	-	
FÉMUR D	-	1		-	-	
TÍBIA P	-	5		-	-	
TOTAL	11+1 dP ₄	78+4M ₃	13%	4+1 dP ₄	23+2M ₃	17%

Tabela 4

Estado de ligação das epífises dos ossos de veado e bovino (Silver, 1969). No cálculo das frequências de juvenis inclui-se o número de quartos pré-molares inferiores de leite (dP₄) e terceiros molares (M₃). NF: não fundido; F: fundido; D: distal; P: proximal

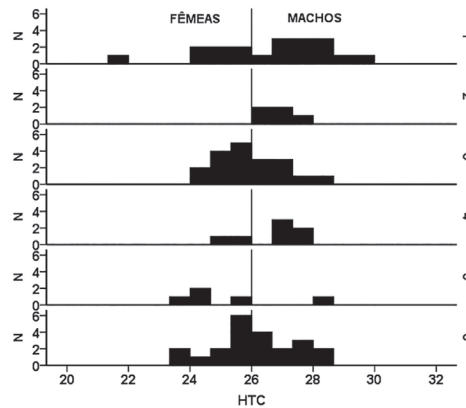


Gráfico 2

Veado (*Cervus elaphus*). Distribuição das medidas do diâmetro mínimo da tróclea do úmero distal. A linha vertical assinala a divisão entre machos e fêmeas numa população atual de veado (Davis, 2006). As amostras representadas correspondem a jazidas portuguesas de diferente cronologia: 1) Alcáçova de Santarém, medieval (Davis, 2006); 2) São Gens; 3) Alcáçova de Santarém, romano (Davis, 2006); 4) Biblioteca de Mértola, romano (Moreno-García et al., 2017); 5) Mercador, calcolítico (Moreno-García, Valera, 2007); 6) São Pedro, Redondo, calcolítico (Davis, Mataloto, 2012). Note-se que os exemplares de São Gens se posicionam do lado dos machos.

3.3 Os macrorrestos vegetais

Desde a primeira campanha de São Gens que foram recuperados macrorrestos vegetais. O seu estudo permitiu não só a identificação das espécies usadas na construção das paliçadas, das habitações/cabanas, mas também possibilitou a aproximação ao paleoambiente que circundaria o povoado, bem como evidenciou algumas das espécies que seriam consumidas (recoletadas e/ou cultivadas) pela população que ali habitou no século X. Segundo Queiroz (2009a), as estruturas foram fundamentalmente construídas com o recurso à madeira de carvalho-negral e azinheira (*Quercus pyrenaica* e *Quercus rotundifolia*).

No sector da entrada do povoado, sítio onde se identificaram as unidades estratigráficas com melhor conservação de material orgânico, realizou-se uma recolha sistemática de 10 litros de sedimento por cada metro quadrado provenientes de seis unidades estratigráficas (U.E.): [1], [4], [30], [36], [39] e [56]. O estudo do material arqueobotânico incidiu na identificação de fragmentos de carvão e vestígios carpológicos (sementes e frutos) de acordo com metodologias standard. Neste texto serão abordados os resultados da unidade com mais material estudado, a U.E. [30].

Os fragmentos de carvão foram seccionados manualmente e as três secções de diagnóstico foram observadas à lupa e microscópio de luz refletida, com apoio de atlas e bibliografia da especialidade (Schweingruber, 1990a, 1990b; Gale, Cutler, 2000; Vernet et al., 2001; Akkemik, Yaman, 2012). Além da identificação taxonómica, foram também registados caracteres tafonómicos, por exemplo a curvatura de anéis, presença de vitrificação ou fissuras radiais (MacParland et al., 2010; Théry-Parisot, Henry, 2012).

Os vestígios carpológicos foram observados à lupa binocular e a sua identificação botânica foi efetuada com recurso à coleção de referência do Herbário da Universidade do Porto e a atlas da especialidade (Bertsch, 1941; Beijerinck, 1976; Berggren, 1981; Jacquat, 1988; Anderberg, 1994; Jacomet, 2006; Nesbitt, 2006; Bojnanský, Fargašová, 2007).

Os resultados do estudo antracológico estão expressos na tabela 5. A análise detalhada da sua distribuição estratigráfica e espacial está ainda em curso. Foram analisados 3474 fragmentos, destacando-se a predominância de *Quercus* spp. repartindo-se, maioritariamente, em *Quercus* de folha caduca (44,53%) e *Quercus* sp. (30,83%). Seguidamente surge *Fraxinus* sp. (3,89%) e, ainda, com uma representação assinalável, os fragmentos de Dicotiledónea (19,63%), onde a identificação a um nível mais detalhado não foi possível devido ao seu estado de preservação. Com uma percentagem residual, surgem outros *taxa*, onde se incluem *Alnus* sp., *Pinus sylvestris*, *Erica arborea/australis* e *Leguminosae*. A incidência de curvatura fraca nos fragmentos analisados indicia a preferência pelo uso de madeira de indivíduos bem desenvolvidos, consonante com o tipo de vestígios recuperados.

Espécies	Total	%
<i>Alnus</i> sp.	4	0,12
<i>Erica australis/arborea</i>	9	0,26
<i>Erica scoparia/umbellata</i>	2	0,06
<i>Erica</i> sp.	4	0,12
<i>Fraxinus</i> sp.	135	3,89
<i>Leguminosae</i>	5	0,14
<i>Pinus sylvestris</i>	2	0,06
<i>Pinus</i> sp.	2	0,06
<i>Quercus</i> - caducifolia	1547	44,53
<i>Quercus</i> - perenifolia	7	0,20
<i>Quercus</i> sp.	1071	30,83
<i>Rosaceae maloideae</i>	1	0,03
Dicotiledónea	682	19,63
Indeterminado	3	0,09
Total	3474	100

Tabela 5

Resultados do estudo antracológico da U.E. [30].

A generalidade dos *taxa* identificados era já conhecida de estudos antracológicos anteriormente realizados nesta jazida (Queiroz, 2009a) e em outros sítios vizinhos como Penedo dos Mouros e Soida (Queiroz, 2009b, 2009c). Como exceção, assinala-se a presença de *Pinus sylvestris*, que não ocorre nos outros sítios medievais. É rara a sua presença nesta cronologia tão recente, sendo assumido que a sua distribuição está relacionada com o carácter menos benigno do clima característico da última fase glacial (Fernandes et al., 2015). Ainda assim, a história holocénica desta espécie ainda é pouco conhecida, em especial a sua eventual sobrevivência até fases recentes deste interglacial em áreas onde hoje já não ocorre de forma espontânea.

A presença predominante de *Quercus* spp. coincide com a caracterização biogeográfica atual da região da Serra da Estrela (Costa et al., 1998; Connor et al., 2012). A conjugação da informação fitossociológica com os dados palinológicos atesta a presença destas espécies (van der Knaape, van Leeuwen, 1995) na região, no período em estudo. Ao mesmo tempo, os dados polínicos demonstram que este período corresponde a um momento de fortes mudanças nas dinâmicas paisagísticas da região, caracterizando-se por uma forte diminuição da quantidade de pólen arbóreo. Esta fase de desflorestação está associada a um

incremento de pólen do tipo Cerealialia, o que permite conectar estas dinâmicas ecológicas com a ação direta das comunidades humanas.

Relativamente à carpologia, a maioria das sementes e frutos provém da U.E. [30] onde se podem distinguir dois grupos principais divididos entre as espécies cultivadas (cereais e papoila-dormideira) e as espécies silvestres onde as primeiras assumem o carácter dominante do conjunto analisado (Gráfico 3).

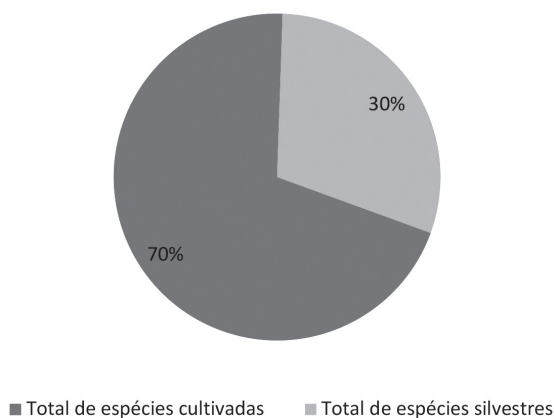


Gráfico 3

Proporção entre espécies cultivadas e silvestres presentes na U.E. [30].

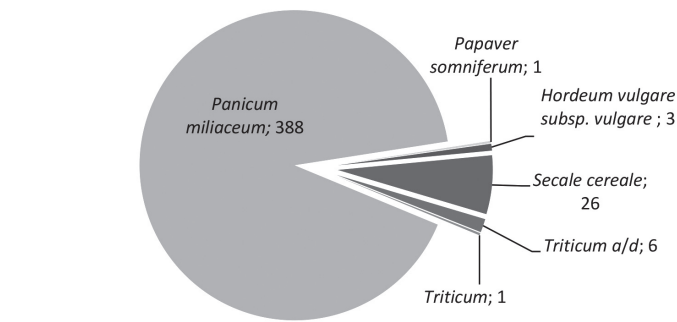


Gráfico 4

Proporção entre espécies cultivadas na U.E. [30].

No primeiro grupo – espécies cultivadas – verifica-se a predominância evidente do milho-miúdo (*Panicum miliaceum*) face aos restantes cereais (Gráfico 4), presentes em números reduzidos, como o centeio (*Secale cereale*), o trigo de grão nu (*Triticum aestivum/durum*) e a cevada (*Hordeum vulgare*). Fazemos notar que não é possível distinguir *Triticum aestivum*, *Triticum turgidum* e *Triticum turgidum subsp. durum* através da morfologia dos seus grãos pelo que estas espécies estão incluídas num tipo morfológico. Um grão de trigo estava demasiado alterado para se conseguir identificar além do género.

Salienta-se a presença de uma semente de papoila-dormideira (*Papaver somniferum subsp. somniferum/setigerum*), espécie pouco documentada arqueoboticamente nesta área e período. Deste grupo foram excluídas cerca de 94 cariopses de *Panicoideae* e cf. *Panicoideae*. Considerando o restante conjunto carpológico é provável que pertençam a milho-miúdo, porém, o seu estado de preservação não permite uma identificação mais precisa, pelo que não podemos excluir tratar-se de cariopses de gramíneas silvestres da mesma tribo.

No segundo grupo, salienta-se a existência de espécies silvestres da flora local e possivelmente daninhas dos cultivos. Uma cariopse de aveia (*Avena*) está incluída neste grupo por não possuir elementos morfológicos essenciais para a distinguir da aveia silvestre da cultivada. O cultivo da aveia terá começado na Idade do Ferro (Tereso, 2012) e está presente, em época medieval, no povoado da Senhora do Barrocal (Tereso et al., 2016: 7), sítio vizinho e da mesma cronologia de São Gens. Por último, devemos salientar que nas outras cinco U.E.s estudadas existem espécies silvestres edíveis, como a amora (*Rubus ulmifolius*) e a framboesa (*Rubus idaeus*).

O estudo arqueobotânico realizado confirmou a relevância científica do material biológico preservado em São Gens. A análise antracológica evidenciou o carácter dominante dos carvalhos (já referenciados em estudos anteriores) e permitiu a identificação inédita de pinheiro-silvestre nesta área numa cronologia tão recente. O estudo carpológico permitiu identificar a existência de cultivos até então pouco conhecidos como o da papoila-dormideira e do milho-miúdo.

4. SÍNTESE

Conforme expusemos ao longo destas páginas, os trabalhos arqueológicos levados a cabo em São Gens permitiram recuperar um notável *corpus* de dados. O alcance e a transversalidade dos estudos que se têm podido realizar fazem deste um sítio singular à escala regional e também no panorama peninsular, oferecendo dados rigorosos sobre uma comunidade específica, constituindo coleções de referência de cultura material e ecofactos, e permitindo reconstruir importantes aspetos paleoambientais.

A informação obtida sugere que São Gens foi ocupado durante um período breve de cerca de 100 anos, entre os séculos IX e X. Como referimos, o sítio foi completamente destruído por um grande incêndio que se precisou cronologicamente através de datações absolutas e que favoreceu a excecional conservação de macrorrestos vegetais e faunísticos, registos normalmente pouco expressivos nestes contextos.

O registo estratigráfico reconhecido, mostra que São Gens terá tido uma ocupação muito restrita no tempo. O povoado apresenta uma estratigrafia horizontal onde não se reconhece nenhuma sobreposição de níveis que possa sugerir uma sequência ocupacional prolongada. Efetivamente, o único indício de reconstrução que se pode apreciar diz respeito a uma estrutura de lareira com duas fases.

Foram precisamente as lareiras que permitiram intuir a presença de unidades domésticas, do tipo cabana. Estas encontravam-se espalhadas pelo recinto cercado, mas não seriam em grande número, pelo contrário. Algumas das sondagens e áreas escavadas em pontos distintos do interior do povoado não revelaram quaisquer indícios de unidades domésticas, muito do espaço interior estaria livre para que se efetuassem outro tipo de atividades. Dado o espaço disponível para unidades de cariz doméstico, calcula-se que São Gens tenha sido utilizado por um conjunto de entre quatro a seis famílias. Já no extremo Oeste, junto à entrada, reconheceu-se grande quantidade de fauna, de escória, e cerâmica muito fragmentada, sugerindo que se tratava de uma área de despejo no interior do povoado.

Os dados relativos às atividades económicas têm permitido construir uma imagem de uma comunidade que viveria num regime de certa autarcia e autosuficiente, que se baseava, fundamentalmente, na exploração sustentada dos recursos naturais. Tal foi possível observar, sobretudo, através dos dados da fauna selvagem e de alguns macrorrestos botânicos, que sustentam a existência de atividades relacionadas quer com a caça quer com a recolção. Por outro lado, as evidências de uma atividade agro-pastoril relevante na economia da comunidade são escassas.

As gentes de São Gens não tinham rebanhos de tamanho significativo (não teria aliás pastos nas suas imediações, para onde pastorear as cabeças de gado) e aparentemente também não praticaria uma agricultura baseada no cultivo variado de cereais e leguminosas (muito diferente do que se documentou, por exemplo, na Senhora do Barrocal, em Sátão). A reduzida expressão das sementes de espécies cultivadas é, aliás, consentânea com a ausência de instrumentos agrícolas entre o espólio metálico.

A autarcia desta comunidade está igualmente expressada na sua capacidade para explorar os recursos geológicos e no domínio das técnicas de fabrico quer

de metais, quer de cerâmicas. A estes conhecimentos acrescem as competências para o fabrico de estruturas e objetos em madeira e cortiça, bem como as aptidões para fiar/tecer e ainda os conhecimentos para o trabalho da pedra, que foram suficientes para que os habitantes de São Gens tivessem sido os protagonistas da construção da maior necrópole rupestre da região.

Poder-se-ia supor que uma área funerária tão extensa correspondesse a um cemitério partilhado entre várias comunidades. No entanto, o estudo do povoado e da necrópole mostram uma coincidência no que se refere ao tamanho e tempo de vida desta comunidade. A dimensão estimada para a comunidade (quatro a seis grupos familiares) e o período de tempo durante o qual o povoado terá sido ocupado (máximo de 100 anos), coincidem com o número de sepulcros existentes. Efetivamente, todo o registo material de São Gens aponta para uma comunidade pequena, mas bem organizada socialmente, com uma estrutura baseada nos laços familiares que definiam os grupos dentro da comunidade e em que, pelo menos um se destacaria dos restantes, tal como se pode inferir pela análise das sepulturas localizadas junto à “Pedra do Sino”. Era certamente um grupo de gente resiliente e perfeitamente conhecedor e adaptado ao ambiente que o rodeava.

Um dos aspetos que ainda não foi possível conhecer são os laços ou a natureza dos contactos que os habitantes de São Gens estabeleceram com outras comunidades e grupos exteriores ao seu território. Estas relações são difíceis de definir, uma vez que apenas duas pequenas contas de colar em pasta vítrea azul documentam a existência de objetos não fabricados pela comunidade e que tiveram uma procedência exógena. No entanto, o trabalho de curtimento das peles de animais caçados, principalmente as de veado, poderão ser indicadores indiretos de outras interações estabelecidas por este grupo.

A imagem que o registo arqueológico projeta dos habitantes de São Gens entre os séculos IX e X vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Numa comunidade que se adivinhava predominantemente agro-pastoril, detetaram-se, pelo contrário, usos do território muito variados e estratégias transversais no aproveitamento dos recursos naturais, que ainda não tinham sido documentados anteriormente.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCAO, J. (1988) – *Roman Portugal*, fasc. I-Porto, Bragança e Viseu, Warminter: Aris J. Philips,
- ALARCAO, J. (1993) – *Arqueologia da Serra da Estrela*, Manteigas: PNSE.
- AKKEMIK Ü., YAMAN B. (2012) – *Wood Anatomy of Eastern Mediterranean Species*, Kessel Publishing House.
- ANDERBERG, A. L. (1994) – *Atlas of seeds and small fruits of Northwest-European plant species with morphological descriptions*, Stockholm: Swedish Museum of Natural History.
- BEIJERINCK, W. (1976) – *Zadenatlas der nederlandse flora ten behoeve van de botanie, palaeontologie, bodemcultuur en warenkennis*, Amsterdam: Backhuys & Meesters.
- BERGGREN, G. (1981) V *Atlas of seeds and small fruits of Northwest-European plant species with morphological descriptions*. 3. *Salicaceae-Cruciferae*, Stockholm: Swedish Museum of Natural History.
- BERTSCH, K. (1941) – *Früchte und Samen. Ein Bestimmungsbuch zur Pflanzenkunde der vorgeschichtlichen Zeit*, Stuttgart: Ferdinand Enke.
- BOJNANSKÝ, V., FARGAŠOVÁ, A. (2007) – *Atlas of Seeds and Fruits of Central and East-European Flora. The Carpathian Mountains Region*, Dordrecht: Springer.
- BRONK-RAMSEY, C.B. (2009) – “Bayesian analysis of radiocarbon dates”, *Radiocarbon*, 51: 1, p.337-360.
- BROOKES, S.; TENTE, C.; PRATA, S. (2017) – Interpreting Rock-Cut Grave Cemeteries: the early medieval necropolis and enclosure of São Gens, Portugal, *Medieval Archaeology*, 61/2, p. 215-238.
- CASTILLO, A. del (1970) – Cronología de las tumbas llamadas olerdolanas, *XI Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, p.835-845.
- CASTILLO, A. del (1972) – *Excavaciones altomedievales en las provincias de Soria, Logroño y Burgos*, Madrid.
- CONNOR, S. E., ARAÚJO, J., VAN DER KNAAP, W. O., VAN LEEUWEN, J. F. (2012) – A long-term perspective on biomass burning in the Serra da Estrela, Portugal, *Quaternary Science Reviews*, 55, p. 114-124.
- COSTA, J. C., AGUIAR, C., CAPELO, J. H., LOUSÃ, M., NETO, C. (1998) – *Biogeografia de Portugal continental*, Quercetea 0, p. 5-55.
- DAVIS, S. J. M. (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal (Trabalhos de Arqueologia*. 43), Lisboa: IPA.
- DAVIS, S. J. M., MATALOTO, R. (2012) - Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, Lisboa: IPA, p. 47-85.
- DE MAN, A., TENTE, C., Coords. (2014) – *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro de Portugal -séculos IX a XII*, Lisboa: IEM.
- FERNANDES, M., BENTO, J., DEVY-VARETA, N. (2015) – Aspectos biogeográficos e paleoambientais de uma população finícola de *Pinus sylvestris* L. na serra do Gerês (NW Portugal), *GOT, Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, 7, p. 159-181.
- GALE, R., CUTLER, D. (2000) – *Plants in archaeology identification manual of artefacts of plant origin from Europe and the Mediterranean*, Westbury Academic and Scientific Publishing, Devon Google Scholar.
- JACOMET, S. (2006) – *Identification of cereal remains from archaeological sites: Archaeobotany*. Lab, IPAS, Basel University.
- JACQUAT C. (1988) – *Hauterive-Champréveyres, 1. Les plantes de l'âge du Bronze. Catalogue des fruits et grains.*, Saint-Blaise: Editions du Ruau.
- LOBÃO, J., MARQUES, A. C., NEVES, D. (2006) – Património arqueológico de Celorico da Beira: subsídios para o seu inventário e estudo, *Praça Velha*, 19. Guarda, p. 15-37.
- LOBÃO, J., MARQUES, A. C., TENTE, C. (2013) – *São Gens, Através da História e do Tempo*, Celorico da Beira/Forno Telheiro.
- MCPARLAND L.C., COLLINSON M.E., SCOTT A.C., CAMPBELL G., VEAL, R. (2010) – Is vitrification in charcoal a result of high temperature burning of wood?, *Journal of Archaeological Science*, 37, p. 2679-2687.
- MARQUES, A. C. (2011) – *A ocupação romana na Bacia de Celorico*. Tese de mestrado em arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, policopiado.

- MARQUES, A. C., TENTE, C. (2011) – O sítio arqueológico de São Gens (Santa Maria, Celorico da Beira) - notícia preliminar da campanha de trabalhos arqueológicos realizada em 2008, in *V Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal*, Caleidoscópio, p. 339-355.
- MARTIN VISO, I. (2012) – Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta edad Media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-Oeste de la Península Ibérica, *Zephyrus*, LXIX, Enero-Junio, Salamanca: USAL, 165–187.
- MEIER, J. (2013) – More than Fun and Games? An Experimental Study of Worked Bone Astragali from Two Middle Bronze Age Hungarian Sites, in CHOYKE, A., O'CONNOR, S. (Eds.) – *From These Bare Bones. Raw materials and the study of worked osseous objects. Proceedings of the Raw Materials session at the 11th ICAZ Conference* (Paris, 2010), Oxbow Books, p. 166-173.
- MORENO-GARCÍA, M., PIMENTA, C. M., PALMA, M. F. (2017) – Recursos cinegéticos y ganaderos en *Myrtilis* (Mértola, Portugal) en los inicios de la Romanización: una aportación desde la Arqueozoología, *Archaeofauna*, 26, Madrid, p. 179-198.
- MORENO-GARCÍA, M., VALERA, A. (2007) - Os restos faunísticos de vertebrados do sítio do Mercado (Mourão). *Vipasca, Arqueologia e História*, 2, p. 139-152.
- NESBITT, M. (2006) – *Identification guide for Near Eastern grass seeds*, London: Institute of Archaeology.
- OLIVEIRA, M. R. (1939) – *Celorico da beira e o seu concelho - através da história e tradição*, Celorico da Beira.
- OLIVEIRA, E. V., GALHANO, F., PEREIRA, B. (1969) – *Construções Primitivas em Portugal*, Lisboa: Edições Dom Quixote.
- QUEIROZ, P. (2009a) – *Estudo antracológico no sítio de São Gens, Celorico da Beira. Terra Scenica - Território Antigo Relatórios 13*, Lisboa: Terra Scenica - Território Antigo (relatório inédito), policopiado.
- QUEIROZ, P. (2009b) – *Novos dados arqueobotânicos sobre o Penedo dos Mouros (Gouveia). Terra Scenica - Território Antigo Relatórios 11*, Lisboa: Terra Scenica - Território Antigo (relatório inédito), policopiado.
- QUEIROZ, P. (2009c) – *Estudo arqueobotânico no Povoado Medieval da Soida, Celorico da Beira, Terra Scenica-Território Antigo Relatórios 12*, Lisboa: Terra Scenica - Território Antigo (relatório inédito), policopiado.
- REIMER P.J., BARD, E., BAYLISS A., BECK J.W., BLACKWELL P.G., BRONK RAMSEY C., BUCK, C.E., CHENG, H., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GUILDERSON, T.P., HAFLIDASON, H., HAJDAS, I., HATTÉ, C., HEATON, T.J., HOFFMANN, D.L., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., MANNING, S.W., NIU, M., REIMER, R.W., RICHARDS, D.A., SCOTT, E.M., SOUTHON, J.R., STAFF, R.A., TURNEY, C.S.M. and VAN DER PLICHT, J. (2013) – *IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years cal BP*, *Radiocarbon*, Vol. 55, N° 4.
- ROCHA, A. S. (1906) – A necrópole da Moirama, nas vizinhanças de Celorico, *Boletim da Sociedade Archeologica*, 1 (3), p.101-102.
- RODRIGUES, A. V. (1979) – Celorico da Beira e Linhares – monografia histórica e artística, Celorico da Beira.
- SILVER, I.A. (1969) – The ageing of domestic animals, in BROTHWELL, D., HIGGS, E.S. (Eds.) - *Science in Archaeology*, 2 ed., London: Thames and Hudson, p. 283-302.
- SCHWEINGRUBER, F. H. (1990a) – *Anatomy of European woods*, Paul Haupt and Stuttgart Publishers.
- SCHWEINGRUBER, F. H. (1990b) – *Microscopic Wood Anatomy*, Swiss Federal Institute for Forest, Snow and Landscape Research.
- SOUZA, G. (2016) – *O sítio alto-medieval de São Gens (Celorico da Beira). Contributo para o estudo da produção cerâmica identificada nas campanhas realizadas entre 2011 e 2013*, tese de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, policopiado.
- TENTE, C. (2009) – Viver em autarcia. O Alto Mondego entre os séculos V e XI, in MARTÍN VISO, I. - *¿Tiempos oscuros? Territorio y sociedad en el centro de la Península Ibérica (siglos VI-X)*. Salamanca: Silex, p. 137-157.
- TENTE, C. (2009) – Dos Bárbaros ao Reino de Portugal. O Território de Celorico da Beira nos séculos V a XII, in *Celorico através da História*, Celorico da Beira, p.50-66.

- TENTE, C. (2011) – Do século IX ao XI no Alto Vale do Mondego (Guarda, Portugal): Dinâmicas de povoamento e estruturas sociais, *Debates de Arqueologia Medieval*, Granada, p. 23-43.
- TENTE, C. (2011) – Etnoarqueologia das estruturas habitacionais no alto Mondego durante a Alta Idade Média, in GOMES, R. V., TENTE, C., GOMES, M. V. (Coords.) – *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Aljezur/Lisboa: IAP, p. 209-218.
- TENTE, C. (2012) – Settlement and territory in the Upper Mondego Basin (Centre of Portugal) between the 5th century and the 11th century, *Archeologia Medievale*, XXXIX, Università degli studi di Siena, p. 385-398.
- TENTE, C. (2013) – Soluções defensivas das comunidades rurais no Alto Mondego entre os séculos IX e X". FERNANDES, Isabel Cristina (Ed.) - *II Simpósio Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, Lisboa: Colibri/CAM, p. 43-49.
- TENTE, C., CARVALHO, A. F. (2011) – The establishment of radiocarbon chronologies for early medieval sites: a case study from the upper Mondego Valley (Guarda, Portugal), *Munibe*, 62. UPV, p. 461-468.
- TENTE, C., CARVALHO, A. F. (2012) – Pottery manufacture and absolute chronology in the high Mondego basin (centre of Portugal) during the Early Middle Ages, in *IX Congresso Internazionale Association Internationale por l'Étude de Céramique Médiévale Méditerranéennes*, Veneza, p.363-364.
- TENTE, C., LANTES, O. PRIETO, P. (2014) – A produção cerâmica dos séculos IX a XI da região do Alto Mondego (Portugal), in DE MAN, A., TENTE, C. (Coords.) – *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e o Centro de Portugal. Séculos IX a XII*, Lisboa: IEM, p. 110-139.
- TERESO, J. P. (2012) – *Environmental change, agricultural development and social trends in NW Iberia from the Late Prehistory to the Late Antiquity*. Biology Department, Faculty of Sciences, Porto: University of Porto.
- TERESO, J. P., TENTE, C., BAPTISTA, H. (2016) – O sítio da Senhora do Barrocal (Sátão, Viseu): vestígios das práticas agrícolas e de exploração dos recursos agrários no século X, in *Old and New Worlds: the Global Challenges of Rural History. Conferência Internacional*, Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, p. 1-14.
- THÉRY-PARISOT, I., HENRY, A. (2012) – Seasoned or green? Radial cracks analysis as a method for identifying the use of green wood as fuel in archaeological charcoal, *Journal of Archaeological Science*, 39, p. 381-388.
- VALERA, A.C., MARTINS, A.M. (1994) – Levantamento arqueológico do concelho de Celorico da Beira, relatório do trabalho de campo, *Trabalhos de arqueologia da EAM*, 2, Lisboa: Edições Colibri, p.273-282
- VAN DER KNAAP, W.O., VAN LEEUWEN, J.F.N. (1995) – Holocene vegetation succession and degradation as responses to climatic change and human activity in the Serra de Estrela, Portugal, *Review of Palaeobotany and Palynology*, 89, p.153-211.
- VERNET, J-L., FIGUEIRAL I., UZQUIANO, P. (2001) – *Guide d'identification des charbons de bois préhistoriques et récents. Sud-Ouest de l'Europe: France, Péninsule ibérique et îles Canaries*, Paris: CNRS Editions.

AGRADECIMENTOS

O apoio logístico aos trabalhos de campo foi prestado pela Junta de Freguesia do Forno Telheiro e pela Câmara Municipal de Celorico da Beira. Um agradecimento especial é devido ao Sr. Vereador José Luís Cabral, ao nosso companheiro de escavação e arqueólogo da autarquia António Carlos Marques, ao Sr. José Tomás, que realizou a topografia. Uma palavra de agradecimento também ao João Lobão e ao Dário Neves, que conjuntamente com o António Carlos Marques realizaram o primeiro estudo da necrópole. Por fim a todos os alunos e alunas que participaram nas escavações e no laboratório de tratamento de espólio proveniente de São Gens. Alguns são já autores deste artigo, pois São Gens foi uma escola de formação muito importante para muitos alunos da NOVA FCSH que se encantaram pelos contextos rurais medievais. Um bem-haja a todos.